



Vale quanto pesa?

Antares e o absurdo na obra de albert camus

POR NICOLE ZEGHBI

Ao me deparar com o mapa de Albert Camus pela primeira vez, em um grupo de estudo sobre estrelas fixas, me apaixonei assim que bati o olho em Antares na casa IV. É o encanto provocado pela conexão da estrela com um dos conceitos filosóficos da obra de Camus, desconhecido por mim até aquele momento, que me traz aqui.

Partindo do mapa natal do escritor, este artigo delineará um de seus conceitos filosóficos retratado em “O mito de Sísifo”.

O absurdo, surge sob a influência da tuberculose, enfermidade que abalou seriamente a condição física do autor e o seu cotidiano.

O absurdo como conceito filosófico

O absurdo, um dos temas centrais do ensaio “O Mito de Sísifo”, está no reconhecimento do caráter ridículo e da ausência de um sentido profundo à vida.

O absurdo se estabelece na vida do homem pela suspensão da lógica do início, meio e fim inerente a todas as coisas e por sua relação com o tempo. Só se planejam os dias negando a impotência sobre o amanhã, ignorando a morte.

Admitir o absurdo é admitir a morte e, conseqüentemente, a vida, percebendo nesta um sentido peculiar, posto pelas próprias verdades.

“Um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço. O absurdo está ligado a responsabilidade e não a culpa.”

Albert Camus, em o mito de sísifo

O MITO

SÍSIFO, O MAIS ASTUTO E ATREVIDO DOS MORTAIS

Sísifo fora um rei de Corinto, e procurou enganar e se aproveitar dos próprios deuses maiores: primeiro, testemunhara Zeus raptando Egina, a filha de Asopo e, em troca de revelar ao pai o nome do raptor, obteve dele favores.

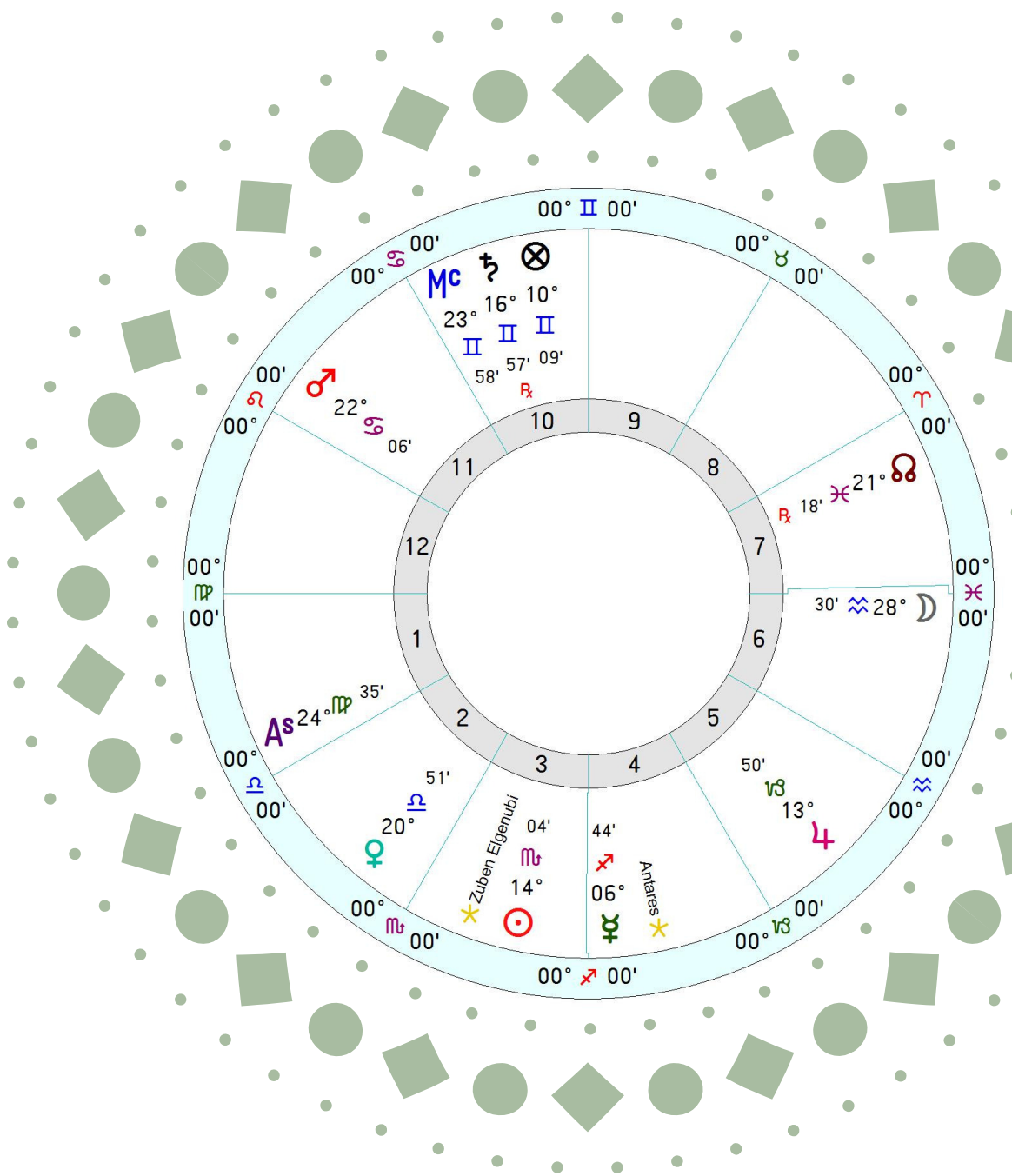
Para se vingar, Zeus enviou-lhe Tânatos, a morte, mas Sísifo prendeu-o com correntes, de forma que durante esse tempo ninguém mais morria — o que levou Hades pedir providências. Zeus então liberta a Morte, que para início leva o próprio Sísifo, mas este, espertamente, ordenara à esposa que não lhe prestasse as honras fúnebres. Como não poderia permanecer no mundo dos mortos assim desprovido dos rituais, solicitou ao deus do submundo para voltar à vida e castigar a mulher, o que foi-lhe permitido — mas era mais um logro. O deus ctônio, então, enviou-lhe novamente Tânato, que o mata definitivamente. Foi levado ao Tártaro, onde tinha por tarefa empurrar uma rocha até o topo de um monte; mas, passando o dia todo neste afã, quando descansava à noite a pedra voltava a rolar até a base da montanha — de modo que tinha de começar tudo novamente, todos os dias. Deu origem à expressão trabalho de Sísifo.

Fonte: Alexander S. Murray (trad. ao espanhol de Cristina Maria Borrego) (1997). *Quién es Quién en la Mitología*.

Trocando em miúdos,
o absurdo é a
inconsciência da
morte que embala os
dias na ilusão da
eternidade, a falta de
garantia de que a
morte revelará algo
que justifique a vida, é
ignorar o presente
para viver no agora os
planos para o amanhã,
um futuro que não se
pode garantir.

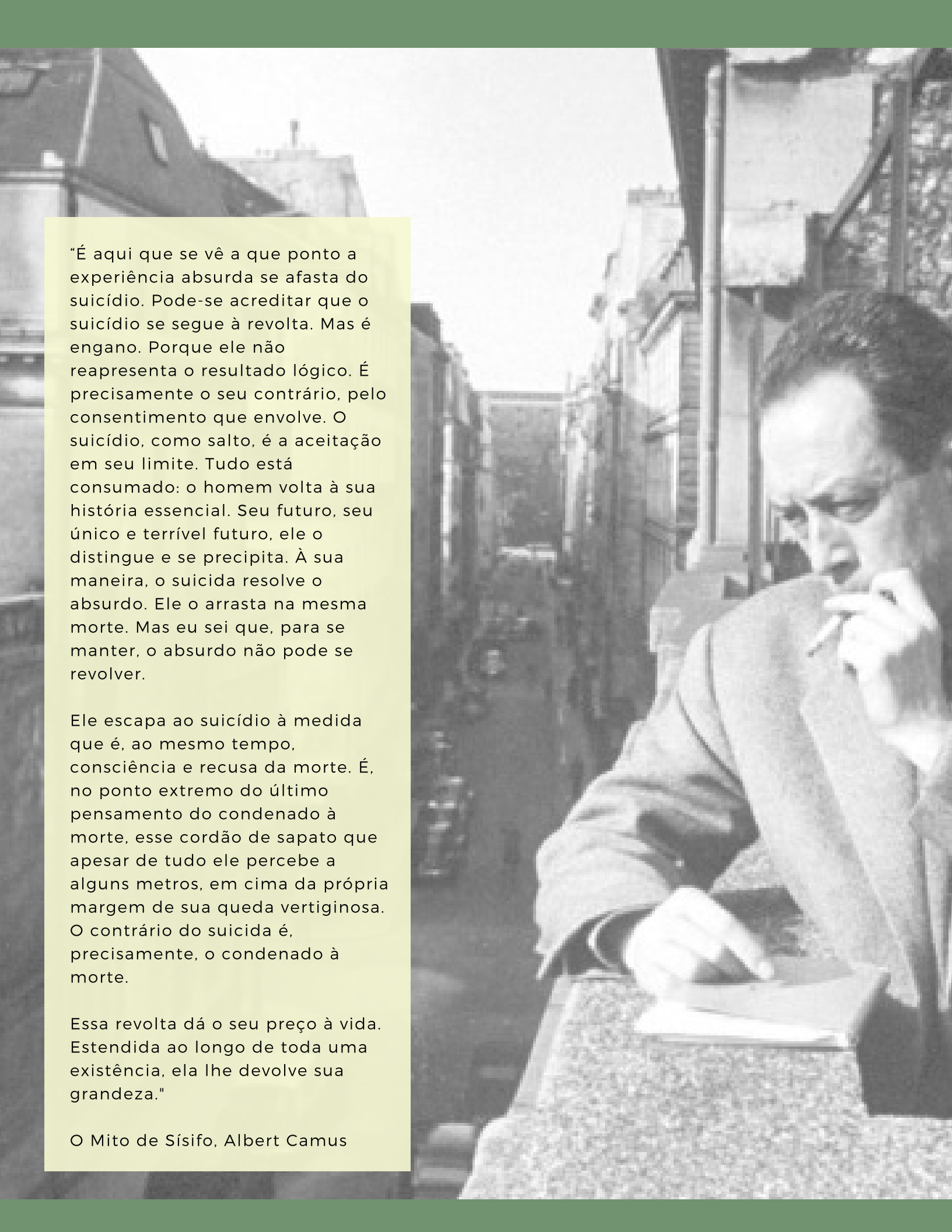
E o mais assombroso
do absurdo é a
percepção de que o
tempo não para, alheio
à ignorância
emocional do homem
em relação a si mesmo
e à sua vida, o tempo
mantém a ordem
natural das coisas,
deteriorando dia após
dia, a carne, o corpo, a
vida.

A revolta é viver os
dias com o absurdo
aclarado na
consciência.



“... transformo em regra de vida o que era
convite à morte e rejeito o suicídio.”

O Mito de Sísifo, Albert Camus

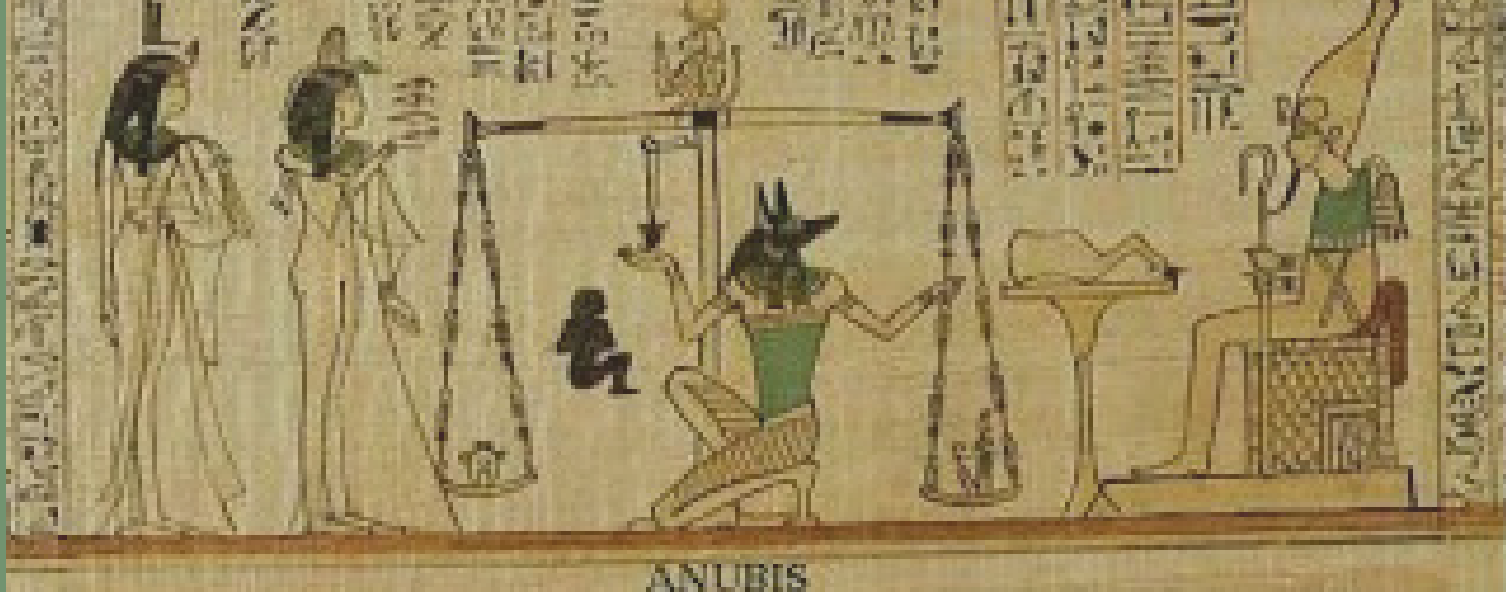


“É aqui que se vê a que ponto a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se acreditar que o suicídio se segue à revolta. Mas é engano. Porque ele não reapresenta o resultado lógico. É precisamente o seu contrário, pelo consentimento que envolve. O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite. Tudo está consumado: o homem volta à sua história essencial. Seu futuro, seu único e terrível futuro, ele o distingue e se precipita. À sua maneira, o suicida resolve o absurdo. Ele o arrasta na mesma morte. Mas eu sei que, para se manter, o absurdo não pode se revolver.

Ele escapa ao suicídio à medida que é, ao mesmo tempo, consciência e recusa da morte. É, no ponto extremo do último pensamento do condenado à morte, esse cordão de sapato que apesar de tudo ele percebe a alguns metros, em cima da própria margem de sua queda vertiginosa. O contrário do suicida é, precisamente, o condenado à morte.

Essa revolta dá o seu preço à vida. Estendida ao longo de toda uma existência, ela lhe devolve sua grandeza.”

O Mito de Sísifo, Albert Camus



O ABSURDO COMO TESTEMUNHO ASTROLÓGICO

Astrologicamente, o ponto de convergência dessas questões é a conjunção de Mercúrio, regente do ascendente em Virgem, com uma das quatro estrelas reais (1): Antares, “o coração do Escorpião”.

Antares remete à cerimônia egípcia da pesagem das almas. Diante de Osíris, Anúbis, utilizando a balança dos sete espíritos, colocava em um de seus pratos a pena de Maat, e no outro o coração do morto, símbolo da vontade lúcida e da consciência. As almas cujo coração, representação das ações em vida, ultrapassassem o peso da pena de Maat, a pena da verdade, tinham seu coração estraçalhado e perdiam o direito à vida eterna.

As palavras inscritas na tumba do faraó Tutmés III esclarecem a verdade que era exigida: “O coração de um homem é seu próprio deus, e meu coração está satisfeito com meus atos”.

“Camus dizia que o único verdadeiro papel do homem, nascido em um mundo absurdo, era viver, ter consciência de sua vida, de sua revolta, de sua liberdade”.

William Faulkner

MERCÚRIO

Mercúrio, o regente do Ascendente, está em Sagitário (06° 27' 44") na casa IV, o subterrâneo mundo de Hades.

A motivação do Ascendente, a segurança material, é vivenciada no mundo dos mortos, através de um Mercúrio em exílio - a morte como âncora de segurança, a razão tentando reinar onde a racionalidade está extinta.

Camus não tardaria a perceber o absurdo em que vivia. Ainda que ilusoriamente seguro, ao ignorar as verdades que autorizam ou impedem o ir e vir, mantinha-se prisioneiro das próprias limitações.

(1) As quatro estrelas reais da Pérsia e seus símbolos são Fomalhaut - uma coroa, Aldebaran - uma espada, Regulus - leviatã e Antares - uma balança.

TUBERCULOSE, A INFLUÊNCIA DA ENFERMIDADE EM SUA OBRA

Em 1930, aos 17 anos, Albert Camus foi acometido por uma grave crise tuberculosa. A doença deixaria sequelas indeléveis, que o afligiriam durante toda a vida.

A Lua na casa VI, abaixo do horizonte, é testemunho de doença crônica ligada à garganta, ao pescoço e ao pulmão (1).

Saturno, sendo um maléfico angular, sem dignidade, oriental, em aspecto à Lua, também é testemunho de doenças crônicas.

Mas é a afirmação de que a doença deu-lhe a real dimensão da possibilidade cotidiana de morrer que nos interessa aqui, já que isso foi fundamental ao desenvolvimento de sua obra filosófica e literária.

O Sol, regente da XII e do lote das doenças (2), a $19^{\circ}26'$, está com Zuben Elgenubi, da constelação de Libra, uma estrela que também é associada à pesagem do coração, sendo dita como “o preço insuficiente”.

O Sol a $14^{\circ}04'$ faz sextil com Júpiter a $13^{\circ}50'$ na V, levando consigo a Zuben Elgenubi, é testemunho do abandono das atividades que eram prazerosas a Albert Camus, em função da doença. Além de impedir que se tornasse professor, a tuberculose também o impediu de continuar a praticar o esporte que amava, Camus era goleiro da seleção universitária de futebol.

Outro testemunho é dado no trígono do Sol à Marte, $22^{\circ}06'$, regente da III e da VIII. A doença submete sua realidade cotidiana à presença da morte e da Zuben Elgenubi. Camus começa a achar o preço insatisfatório, a vida não vale o quanto pesa.

Marte em Câncer na XI, faz oposição a Júpiter em Capricórnio na V. No fosso, os planetas testemunham a impotência diante da doença e a angústia do desamparo, a de quem não tem mais para onde voltar após ter visto a cara da morte.

A doença e a ideia da morte iminente causaram grande impacto não só no cotidiano, mas também nas esperanças futuras de Albert Camus. A oposição de Mercúrio $06^{\circ}44'$ à antíscia de Marte $07^{\circ}54'$, é mais do que o desassossego, do que o limite que não pode ser vencido, do que a ruptura da rotina diária, já que a dimensão cotidiana da morte trouxe à tona o absurdo, a percepção da ilusão diária da inexistência da morte.



(1) Segundo Alubater, a Lua deveria ainda estar aflita por maléfico para significar doenças ligadas à garganta, pescoço e pulmão.

(2) Lote das doenças: Asc + Marte – Saturno, fórmula diurna, invertendo em caso de um mapa noturno.



O ABSURDO

“Viver é fazer viver o absurdo. Fazê-lo viver é, antes de tudo, encará-lo.
Ao contrário de Eurídice, o absurdo só morre quando alguém se desvia dele.”

O mito de Sísifo, Albert Camus

Júpiter, o regente da IV, está a $13^{\circ}50'$, conjunto a Vega. A estrela da constelação de Lyra narra a saga de Orfeu na travessia do mundo subterrâneo. Inconformado com a perda de sua amada Eurídice, Orfeu decide ir ao Hades e trazê-la de volta à vida. Sua habilidade musical e poética combinava a melodia da lira à verdadeira intenção das palavras cantadas, o que lhe conferia poder semelhante ao das musas, ultrapassava e superava todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais.

“Tão fascinante era seu canto que os fantasmas derramaram lágrimas; Tântalo esqueceu a sede; o abutre cessou o ataque ao fígado de Prometeu; Sísifo parou de rolar a pedra pela montanha, e nela se sentou para ouvir; as Danaides pararam de recolher água com peneiras e Íxion deixou de girar sua roda.” (1)

Foi assim que convenceu Hades a deixá-lo partir, Eurídice seguiria seus passos até o mundo dos vivos, a única condição imposta era a de não olhar para trás até que atingissem a clara luz do sol. Ao fazer o caminho de ida e volta no reino dos mortos venceu o interdito do mundo subterrâneo. Não fosse o apego ao passado, e à falsa segurança de uma conhecida mas fantasmagórica realidade, que fizeram seu olhar voltar-se para trás no último instante, Eurídice teria saído do Hades junto com ele.

$16^{\circ}10'$ (antíscia) $16^{\circ}57'$
Júpiter projeta sua antíscia a $16^{\circ}10'$, na casa IV, sendo recebido em oposição por Saturno a $16^{\circ}57'$ na X. A realidade fantasmagórica é recebida pelo interdito, pela morte e sua impossibilidade de prever o amanhã. Saturno recebe a vida mesmo que condenada à morte. Saturno é a cara do absurdo.

(1) Thomas Bulfinch, O Livro de Ouro da Mitologia

Mercúrio a 06°x44' na casa IV, recebe em oposição, Saturno a 16°II57' na X.

O regente da X, exilado, testemunha a limitação do absurdo recebida pelas ações no mundo.

A desrazão, ou melhor, a razão intuitiva de Mercúrio em Sagitário conjunto a Antares, recebe Saturno, o absurdo como limite à realidade é a incerteza do amanhã, a falta de sentido à vida que não tem mais a morte como promessa de eternidade, a desesperança de estar preso às próprias possibilidades. E “o que era um convite à morte vira regra de vida”(1) , o absurdo poderia ser solucionado pelo suicídio, mas a saída encontrada é a vida.

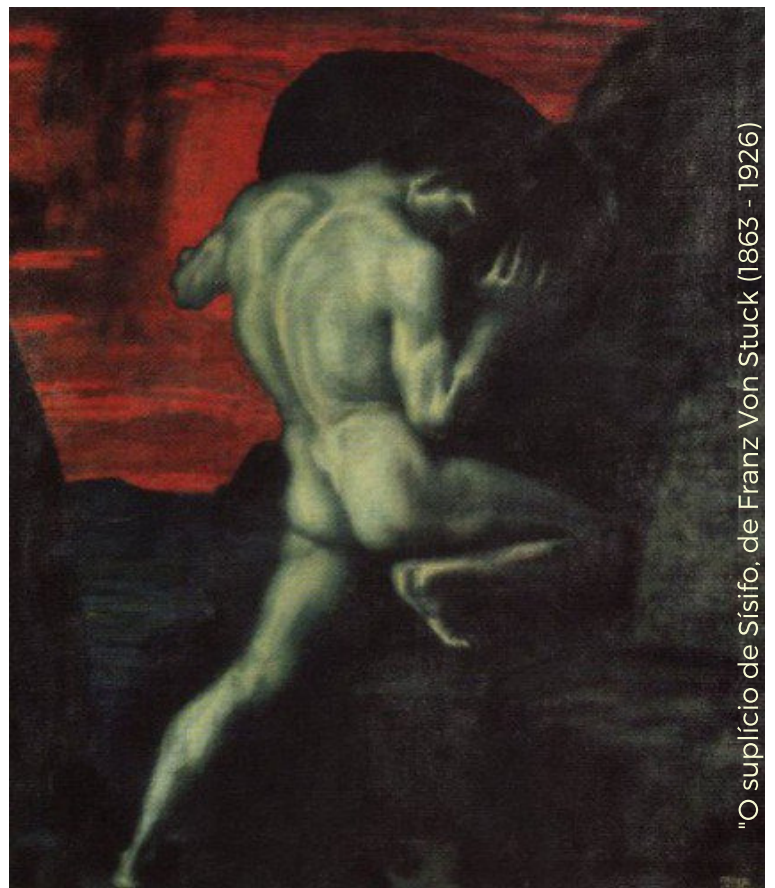
A crença no absurdo da existência comanda a conduta de Mercúrio, o leme que direciona a embarcação e, também, a ação que movimenta as águas rumo à liberdade moral, à inexistência da culpa, à leveza árdua da responsabilidade e à esmagadora consciência das possibilidades e limitações. A embarcação segue rumo a uma vida fiel à verdade de seu coração.

“O absurdo é o resultado de um mau, porém necessário, encontro com o mundo.”

Por Rafael Lauro, em Razao Inadequada

“Da mesma forma, e ao longo de todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos carrega. Mas sempre chega um momento em que é preciso carregá-lo. Vivemos para o futuro: "amanhã", "mais tarde", "quando você tiver uma situação", "com o tempo você vai compreender". Essas inconsequências são admiráveis porque, afinal, se trata de morrer. Mas chega um dia e o homem verifica ou diz que tem trinta anos. Afirma assim sua juventude. Mas, nesse mesmo lance, se situa com relação ao tempo. Ocupa ali seu lugar. Reconhece que está num dado momento de uma curva que confessa ter de percorrer. Ele pertence ao tempo e, nesse horror que o agarra, reconhece nele seu pior inimigo. Amanhã, ele queria tanto amanhã, quando ele próprio deveria ter-se recusado inteiramente a isso.”

O Mito de Sísifo, Albert Camus



"O suplício de Sísifo, de Franz Von Stuck (1863 - 1926)

(1) Albert Camus, em "O mito de Sísifo".



“

“O homem absurdo é aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas ele prefere sua coragem e seu raciocínio. A primeira o ensina a viver sem apelação e a se bastar com o que tem, o segundo o instrui sobre seus limites. Certo de sua liberdade a prazo, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue em aventura no tempo da sua vida.”

O Mito de Sísifo, Albert Camus

”





O Lote do Espírito (*)

O lote do espírito determina dons em potencial, e sendo um lote associado à vontade do nativo, dependerá dele o desenvolvimento das habilidades contidas no Espírito.

O lote do espírito de Albert Camus está a $09^{\circ}10'01''$, nos termos de Júpiter, na casa V. Oferece uma capacidade criativa marcada pelas características da cabra-peixe, uma criatividade pragmática que usa a razão como ferramenta de construção. Júpiter e Vega, conjuntos ao lote, matizam a racionalidade com o que está além da matéria, imprimindo no processo criativo de Camus as habilidades melódicas de Vega, capazes de ressignificar a vida na métrica da palavra.

O lote sintetiza tudo o que já foi dito, agrupando em um mesmo ponto a obra de Camus, as conexões entre Saturno, Mercúrio, Júpiter, Marte e Sol.

Associa sua produção artística e literária (Júpiter na V) à profissão e determina o tipo de reconhecimento que obterá através desta (Saturno na X).

As capacidades prometidas pelo lote se desenvolvem através da rotina moribunda (Sol), que ao lhe apresentar a cara da morte (Marte) provoca uma ressignificação de seus recursos pessoais (Mercúrio/Saturno). “O tempo fará viver o tempo e a vida fará viver a vida”(**), o esclarecimento de que não há amanhã desperta a liberdade em relação a si mesmo. O viver comprometido com a verdade que lhe cabe e a disposição para pagar o preço por suas escolhas tornam-se a leveza do saber ter feito o que lhe era possível, deixando para trás a culpa, o peso do coração.

(1) Lote do Espírito: $\text{Asc} + \text{Sol} - \text{Lua}$, fórmula diurna, invertendo em caso de um mapa noturno.

(2) Albert Camus, em “O mito de Sísifo”.